

O Impostor Geral: em cena a corrupção dos nossos dias

Por Felipe de Menezes¹

O teatro é uma arte do convívio. Desde os primórdios, o que caracterizava o fenômeno teatral eram os seus quatro pilares: alguém que executa uma ação (atriz/ator), alguém de assiste a essa ação (público), o que se diz nessa ação (dramaturgia) e onde se realiza essa ação (espaço cênico). Esses quatro importantes elementos sustentavam o acontecimento teatral, mas não somente eles, evidentemente. Isso era matéria dada e pouco contestada até pouco tempo atrás. Esses alicerces, porém, foram vertiginosamente abalados quando artistas do mundo todo se viram impossibilitadas/impossibilitados do encontro presencial. A pandemia de 2020 fez com que artistas de teatro, mais uma vez, se reinventassem e repensassem suas poéticas; tendo, agora, o meio remoto para suas criações. O teatro, como não foge à luta, tratou logo de se aproximar das novas tecnologias e dos recursos que o vídeo pode oferecer – não que isso seja uma novidade: Erwin Piscator, encenador alemão, na década de 1920, já utilizava projeções de vídeos no teatro.

Assistimos na tarde de hoje, 27 de outubro de 2021, a uma adaptação do clássico russo O Inspetor Geral, de Nikolai Gogol, obra escrita no começo do Século

¹ Felipe de Menezes é diretor, iluminador e professor de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior paulista. Atualmente é professor de teoria e história do teatro no Teatro Escola Macunaíma e na Escola Livre de Teatro. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro) além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

19. O espetáculo foi apresentado pelo Grupo de Teatro Ruth de Souza Arte Souzas da Ruth, do Curso Profissionalizante de Teatro, do Centro de Artes Cênicas Walmor Chagas. A turma optou por fazer o trabalho através da plataforma Zoom e a gravação foi disponibilizada para assistirmos durante o 35º Festivale. Na adaptação de Priscila Senegalho, o clássico russo passou a ser chamado de O Impostor Geral... Quem Vê Cara Não Vê Pечadinhos. Nessa adaptação, a direção – que também é de Senegalho – opta por não negar o espaço em que todos estão inseridos: cada uma/um em seu quadradinho na tela. E nesse sentido, a cena que no original se passa na sala na casa do Prefeito, foi transferida para uma videoconferência do Zoom. Esse é um exemplo do que se pode fazer quando estamos mergulhados no teatro online/digital. É assumir o local em que estamos – uma vez que transformar os nossos espaços de casa em um mesmo lugar cênico seria uma tarefa “menos crível” – em se tratando, obviamente, de um registro dramático-realista.

O elenco de jovens atrizes e atores imbuídos do tema corrupção perceberam logo que um dos requisitos para uma obra se consagrar é ela manter atual – além do seu poder de publicidade e circulação. O texto é atual porque a corrupção é um mal que atravessa séculos. São inúmeras as notícias diárias que nos chegam dando conta de agentes políticos, sujeitos públicos, estão envolvidos em esquemas milionários de desvio de verbas públicas, de favorecimentos, entre outros males que assolam a nossa sociedade. Se na Rússia do começo do Século 19 a corrupção era um tema a ser tratado no palco, no Brasil do Século 21 podemos constatar que evoluímos muito pouco nesse quesito. Isso para dizer que a aposta do elenco nesse texto foi extremamente válida, sobretudo, por ele servir de mote às investigações no campo da atuação. Atrizes e atores bastante disponíveis para o jogo, bem humorados e se divertindo em cena – que, na minha opinião, é o essencial para fazermos teatro.

Parabéns às atrizes e atores do CAC Walmor Chagas que não desistiram do teatro nesse momento tão delicado e optaram por dizer “sim”, mesmo diante de um mundo que diz inúmeros “nãos”. A consequência disso será certamente um retorno ao presencial mais fortalecido, um elenco mais apto às experimentações híbridas.

Evoé!

IMANÊNCIA

Dione Carlos

Enquanto houver oxigênio o teatro não morre.

O teatro é o simulacro do simulacro.

Lugar de onde se vê.

Lugar de onde nos vemos a partir do outro.

Ora por oposição, ora por semelhança.

Exercício de representação da experiência humana.

Que abraça a morte em vida.

Atomiza corpos, transforma sangue e ossos em potências nucleares.

Neste pandemônio de país que não abraça a morte, mas a convoca.

Une discurso e ação, enquanto materializa pandemias.

Construindo mortes definitivas, indignas, de covas coletivas em série.

Aqui, neste país, o passado não passa, o presente não acontece e o futuro não chega .

Quem é você, Corona vírus?

Aliado, inimigo ou os dois?

Ladrãozinho de sopro vital.

Comparsa de ditador.

Expurgo da natureza.

Faxineiro do Planeta Terra.

“Que Diabo é você” é muito pouco perto do que nos tornamos nós.

Você se instaurou nos espaços de fora, nos lugares sagrados de dentro.

Você sim é legião.

Um tipo de pausa planetária.

Que tipo de Deus criou você?

Que tipo de Deus você criará? Pausa.

O isolamento nos faz dormir por muitas horas.

A quarentena nos mantém despertos numa espécie de vigília.

O sonhos retornam aos corpos.
Em lento processo de desprogramação.
A luz do computador machuca a vista.
As imagens no celular cansam a mente.
Nas primeiras semanas sonhei com formigas.
Podia ouvi-las conversando entre si.
Fiquei entre o êxtase e a exaustão.
Tudo havia me abandonado.
Ideias, desejos, planos, inspirações.
Nem mesmo das orações eu lembrava.
Como se pede mesmo por ajuda?
Esqueci...
Acho que vou digitar mais uma vez...
Não tem reza de Caboclo no *Google*.
Essa eu só consigo na voz de quem me ensinou a rezar.
Pausa.
Pausa longa.
É, não lembro mesmo.
A cortina da janela parece um mar de mariposa.
Elas vivem aparecendo aqui, agora.
Os bem-te-vis nos acordam pela manhã.
As maritacas voam em bando no fim da tarde.
Quero ver a hora, abro a bolsa, encontro um relógio, o observo, não sei se o ganhei ou comprei, acho um chiclete, que relógio bonito, masco o chiclete, esvazio a bolsa, reorganizo o
o
que há dentro dela, fecho a bolsa, cuspo o chiclete e não lembro porque fiz tudo isso.
Desprogramando...
E ainda não sei que horas são...
Nem em que milênio realmente estamos...
Mas lembro do teatro...

No teatro a pausa me faz pensar em respiração e qualidade de presença...

O teatro já aconteceu em templos, arenas, ruas de terra, praias, carroças, florestas, praças públicas, caixas pretas fechadas, pelo deserto, durante guerras, inquisições e pandemias...

Por que não andaria por computadores, celulares e afins?

Vocês acham mesmo que o teatro temeria a rede social durante o isolamento social?

Os corpos do teatro sempre foram os corpos das margens.

Quem vem da margem não teme epicentro.

Estamos experimentando um flagrante estado de impermanência.

Que ele trabalhe, não quero atrapalhar.

Na primeira vez em que eu entrei numa *live* fiquei presa ao ver o meu nome subir na tela.

Na segunda vez em que eu entrei numa *live* ouvi uma leitura de *A peste*, de Albert Camus.

Uma espécie de diário de bordo de um naufrago, mas com um mapa indicando vários caminhos.

Desde sempre a literatura, a poesia e o silêncio me pegam pela mão como uma criança.

O teatro é imanência.

Não, ele não irá desaparecer.

Mas as pessoas continuarão a morrer de fome, antes mesmo de hospedarem o vírus.

E isto é maior que tudo.

Por hora:

Ajudemos os vivos.

Cuidemos dos enfermos.

Honremos os mortos.

O teatro é força ancestral atemporal.

Ele seguirá acontecendo.

Imanência: Qualidade do que pertence à substância ou essência de algo, à sua interioridade, em contraste com a existência, real ou fictícia, de uma dimensão externa.